

FONSECA, Rubem. *Romance negro e outras histórias.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 170p.

Quando Rubem Fonseca publicou seu primeiro romance, *O caso Morel*, em 1973, o crítico Flávio Moreira da Costa disse que se tratava de uma obra falha porque o autor não se desprendera das marcas do contista. Era como se o livro fosse um encadeamento de pequenos *flashes*, pequenos contos. A autonomia das partes prejudicava o todo. Dezenove anos depois, ao ler *Romance Negro e outras histórias*, somos levados a pensar o inverso. Depois de publicar entre 1983 e 1990 mais quatro romances (*A grande arte*, *Bufo & Spalanzani*, *Vastas emoções, pensamentos imperfeitos* e *Agosto*), Rubem Fonseca já não tem mais a contenção que o conto exige. Sabiamente, o livro traz na capa “e outras histórias” e não “outros contos”. Quem for atrás do conto rápido, incisivo, tipo “Feliz Ano Novo”, vai se decepcionar.

A história que dá título ao livro, “Romance negro”, estende-se por 43 páginas e deve antes ser lida como um exercício de literatura, uma sátira ao *roman noir*, que como um conto. O trecho narrativo segue de perto esse tipo de romance, com todas as suas previsíveis peripécias. Landers, a personagem central, é um escritor fracassado de *romans noirs*, que só consegue sucesso depois de matar Winner, um autor bem-sucedido nesse gênero. Ele assume então a identidade do morto e consegue publicar agora os livros que escrevera e que haviam sido rejeitados pelos editores. De quebra, ainda consegue casar com Clotilde, sua editora. O final é tão convincente quanto o de um filme de TV: ninguém desconfiou de que Winner não era Landers porque os dois eram irmãos gêmeos. O conto, porém, não pode ser tomado apenas como uma brincadeira com o *roman noir*. Rubem Fonseca, não só neste, mas também nos outros contos, não escreve para brincar.

Aqui especificamente não perde oportunidade de atacar o bom-mocismo nas letras e a inutilidade da literatura. Os escritores vivem disputando para ver quem é o maior, quando, às vezes, o sucesso não passa de um bom golpe publicitário. O que mais vende pode ser o pior. E literatura não passa de fuga: “Quando se lê ficção ou poesia está-se fugindo dos estreitos limites da realidade dos sentidos para uma outra, a que já disseram ser a única realidade existente, a realidade da imaginação” (p. 187). Escrever é apenas um expediente de que alguém lança mão para esquecer sobretudo a morte, não para enlevar o espírito. O poeta é como o bobo da aldeia que gritava “eu vi a sereia, eu vi a sereia”. No dia em que a viu mesmo, ficou mudo. A realidade pode ser mais forte que a imaginação e o escritor não tem muito o que fazer, salvo exercer sua vaidade.

Um outro conto, “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, nos dá a sensação de que poderia ter se transformado numa novela ou num romance. Rubem Fonseca cria uma personagem, Augusto, com detalhes que estariam melhor num romance que num conto. Augusto perambula pelas ruas do centro do Rio de Janeiro e tem gostos esquisitos — a paixão pelos ratos é um deles. O conto tem 39 páginas que se lêem com prazer, diga-se de passagem. Em nenhum momento, a linguagem perde o rigor. O leitor, no entanto, esquece o *plot* e se distrai com os detalhes, as observações do narrador, que vê o Rio de hoje como uma espécie de pentimento. Sob cada rua existe uma outra, sob cada prédio um outro prédio. O detalhamento, as divagações vão alongando a narrativa e tirando-lhe a feição de conto. Nem nos lembramos de um possível “efeito único” que possa surgir no final. Todas as desgraças que acometem o Rio estão ali presentes: mendigos, camelôs, prostitutas, grafiteiros, catadores de papéis, bicheiros, assaltantes, vândalos. Rubem não esqueceu nada. Escreveu uma boa história, resultado de uma laboriosa pesquisa sobre o Rio antigo ao qual se sobrepõe o de hoje, mas se esqueceu de escrever o conto.

Apenas dois dos sete contos que compõem o livro se realizam plenamente: “Olhar” e “Labaredas nas trevas”. Neste, Fonseca, através de um suposto diário de Conrad, o autor de *Lord Jim*, põe à mostra mais uma vez o quanto há de ressentimento e inveja na literatura. Conrad não aceita o sucesso de Stephen Crane, um dos criadores da novela contemporânea. A literatura não

melhora mesmo ninguém. Secretamente, ela não passa de um exutório, “uma espécie de chaga que infligimos a nós mesmos para provocar uma supuração, uma expedição intensa de matéria purulenta” (p. 54).

Em “Olhar”, temos de volta a crueza que tão bem caracteriza a obra de Rubem Fonseca. Só que, neste seu último livro, aparece mais voltada contra a própria literatura. Os escritores não são definitivamente almas elevadas. Neste conto, o escritor de gostos refinados, que já é considerado um clássico em vida, sofre de inanição até o dia em que um amigo o convida para comer uma truta. No restaurante, os peixes nadam num aquário onde o cliente escolhe o que achar melhor para ser cozido na hora. É nesse instante que o olhar do escritor cruza com o olhar da truta e dá-se a epifania. Nasce de repente nele o prazer de comer aliado ao prazer de matar. De agora em diante só comerá animais com que tenha trocado um olhar revelador. Acontece que, nos restaurantes, animais vivos só mesmo os peixes. Os outros têm de ser guardados nos temperos. Solução: o escritor decide comprar um coelho numa loja de animais de estimação e o leva para casa. Prepara-se para um ritual selvagem. Nu na banheira, ele o mata, esquarteja-o e o prazer que sente é inaudito. Pelo que ele diz no final, podemos deduzir por que caminhos ele enveredou: “Quem fora mesmo que me dissera que os cabritos tinham um olhar ao mesmo tempo meigo e perverso, uma mistura de pureza e devassidão? E o olhar dos seres humanos? Hum. . . Aquela banheira era pequena”, (p. 73). A arte não abole o lado selvagem do homem. Basta que surja a ocasião para que seja expelida a lava do vulcão, “nuvem infundável” (p. 73).

A crueza e a crueldade explodem de forma ainda mais chocante em “O livro dos panegíricos”. Talvez seja este o conto onde sentimos estar mais próximos do autor de *Feliz Ano Novo*. A personagem já havia aparecido em *Lúcia McCartney*, de 1967. É bom reencontrar a linguagem cortante, impiedosa, sem meias medidas, de Rubem Fonseca. Um velho magistrado à beira da morte, com todas as suas taras e manias, é dissecado sem nenhuma piedade. As revelações sobre o corpo que envelhece chocam o leitor, muito mais que a violência de *Feliz Ano Novo*, talvez porque mesmo a violência do Brasil de hoje já tenha posto a nocaute qualquer ficção. Pena que ao terminar sua leitura, fiquemos com uma constatação: Rubem Fonseca revela-se mais preocupado em

contar uma história sobre as mazelas da velhice que construir mesmo um conto. A situação inicial, quando o narrador diz que tomar conta do velho pode resolver seu problema, não se completa. Os índices de mistério que se disseminam ao longo de 28 páginas se perdem no ar. O conto não fecha.

Mesmo com todas essas restrições, não podemos dizer que *Romance Negro e outras histórias* seja um livro fracassado. Pode ser que Rubem Fonseca já tenha ultrapassado as definições aprisionadoras dos gêneros literários e queira caminhar livremente, escrevendo pelo prazer de escrever (ou pela ânsia de supurar, melhor dizendo). Diante da enxurrada de livros que vêm tomando conta da literatura brasileira, onde a pesquisa e as citações tentam preencher a falta de criatividade, ele demonstra que a imaginação ainda é a matéria-prima do escritor, apesar de ter esquecido que um conto é um conto é um conto.

Antonio Carlos Viana
Universidade Federal do Sergipe